

SOCIEDADE

Queria fazer mais e não consigo

24.09.2015 às 8h15

| 0



Por trás dos números do desemprego estão várias histórias que refletem perfis muito distintos entre os desempregados

TIAGO MIRANDA

Há quem não esteja inscrito como desempregado mas não tenha um emprego regular. E as histórias que estão por trás dos números do desemprego são muito distintas – idades, habilitações, local de residência e experiência profissional condicionam o passo seguinte. A taxa de desemprego tem vindo a descer e no 2.º trimestre havia 620,4 mil desempregados – mas “os números do desemprego são cegos”. Este é o 22.º artigo da série “30 Retratos” que o **Expresso** está a publicar diariamente. São 30 temas, 30 números e 30 histórias que ilustram o que Portugal é hoje em vésperas de eleições



RAQUEL ALBUQUERQUE
Texto



SOFIA MIGUEL ROSA
Infografia

Isabel (nome fictício) ainda estava a estudar quando começou a trabalhar. Terminou a licenciatura, fez uma pós-graduação e foi sempre conseguindo trabalho. Ela e o marido compraram casa, numa fase em que ambos tinham um emprego certo. Até que decidiram mudar-se para o interior, cumprindo uma vontade comum: voltar à terra onde nasceram e onde queriam que a filha crescesse.

Nessa altura, há cinco anos, Isabel já tinha passado a trabalhar a recibos verdes e a formação que dava era o rendimento mais certo que tinha. Quando decidiram voltar às origens, venderam a casa que tinham e aproveitaram os incentivos à fixação de jovens no interior – compraram um terreno barato e começaram a construir uma casa.

Só que as coisas foram piorando: Isabel, hoje com 39 anos, começou a ver diminuir a possibilidade de dar formação. E aquele que era o dinheiro mais certo começou a falhar-lhe – foi então que se inscreveu num centro de emprego. Mas nunca recebeu nenhuma oferta e acabou por desistir.

Manteve a atividade aberta como trabalhadora independente e é assim que hoje está. Entretanto, o marido ficou desempregado e começou a trabalhar por conta própria. “Uns meses tem mais, outros tem menos. Estamos a viver do que investimos e do que guardámos nos anos em que ganhámos melhor”, conta, acrescentando não levar a vida que um dia já teve – mas não se sente ainda numa situação limite.

Isabel não faz parte dos números do desemprego em Portugal, mas também não tem um emprego. E o que os números do 2.º trimestre deste ano mostram é que a taxa de desemprego é de 11,9% – o nível mais baixo desde o 1.º semestre de 2011 (tendo em conta a última série de dados do Instituto Nacional de Estatística). São cerca de 620,4 mil desempregados – menos 13% que no trimestre passado e menos 14,9% que no 2.º trimestre de 2014.

A taxa de desemprego de longa duração era de 7,6% (9,4% no 2.º trimestre de 2014) e a taxa de desemprego jovem era de 29,8% (35,6% no mesmo período do ano passado).

TAXA DE DESEMPREGO E DESEMPREGO JOVEM

Desde 1998

Compartilhar

FONTE: INE

“OS NÚMEROS DO DESEMPREGO SÃO CEGOS”

Por trás dos números do desemprego estão várias histórias: de quem nunca esteve desempregado e de quem já esteve, de quem tem habilitações e de quem não as tem, de quem é jovem e de quem tem mais de 50 anos, de homens e de mulheres a viver em zonas urbanas ou rurais, com diferentes capacidades de se reinventarem e diferentes oportunidades para começarem do zero ou partirem para outro sítio.

“Os números do desemprego são cegos. Partem de um sujeito homogéneo e não dizem nada sobre as circunstâncias de vida das pessoas”, defende Pedro Araújo, sociólogo do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC), que recuperou os trajetos de vida de alguns dos trabalhadores da fábrica Estaco, em Coimbra, que ficaram desempregados quando a empresa faliu em 2001.

“São pessoas que entraram no mercado de trabalho muito cedo e estavam convencidas de que iam fazer a sua trajetória ali.” Em média, todos tinham por volta de 50 anos. “Todas as certezas que traziam são anuladas.” E ao mesmo tempo questionam-se: “E agora? O que é que eu posso fazer?”. Alguns homens recorreram à agricultura e à construção civil, as mulheres dedicaram-se ao cuidado de idosos ou de crianças.

Comparar se é mais difícil ficar sem emprego quando se tem mais de 50 anos e se trabalhou no mesmo sítio a vida inteira ou quando se é um jovem e recém-licenciado não é correto, sublinha o sociólogo. “Uma situação não alivia a

outra.”

Pedro Araújo refere que hoje os jovens até poderão estar “mais preparados” para o mercado de trabalho transitório quando acabam de estudar. “Mas isto não melhora nada. Saber que o desemprego é uma situação possível na minha vida não ajuda nada.”

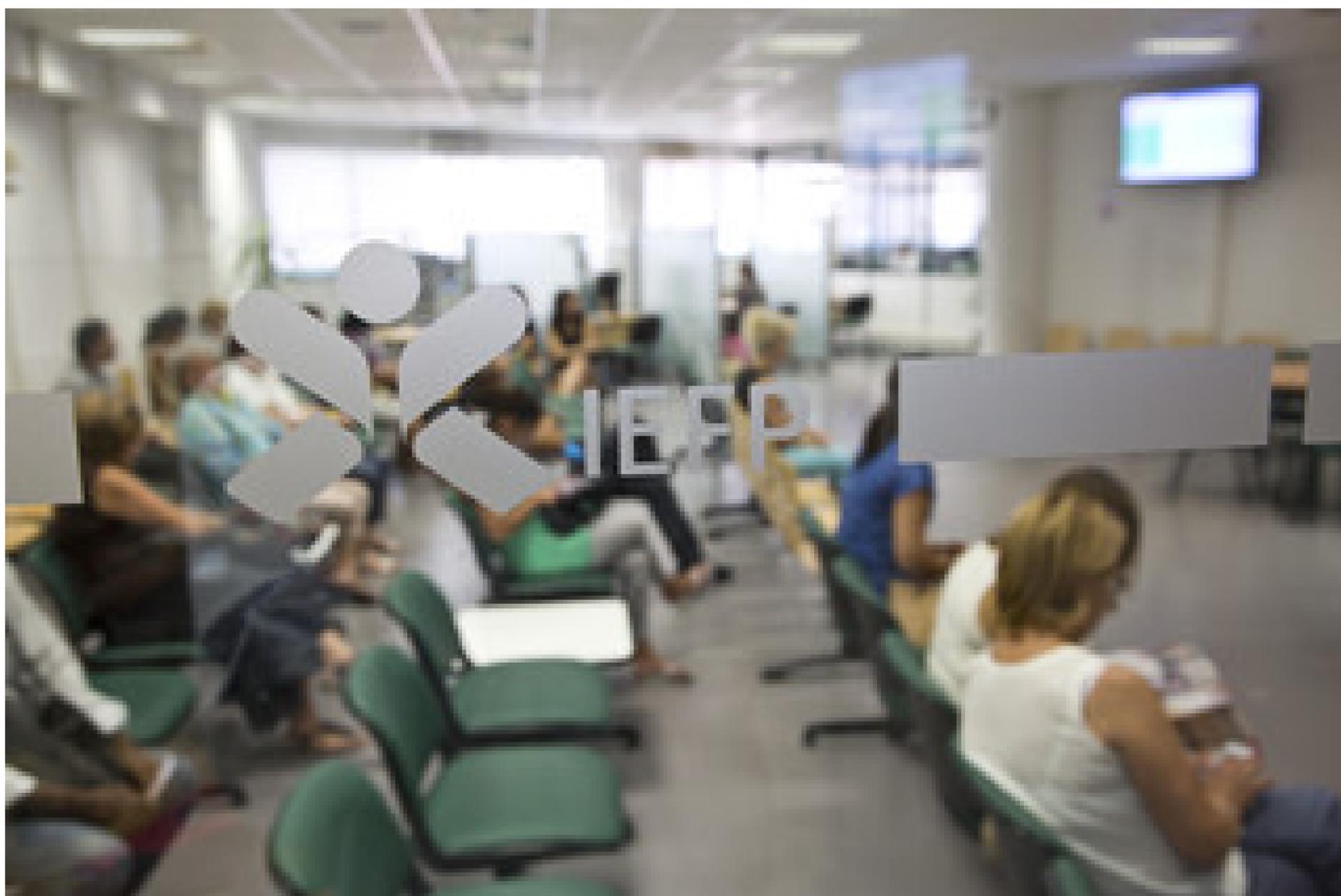
“QUE A SITUAÇÃO É PRECÁRIA NÃO TENHO DÚVIDA”

A história de Manuel (nome fictício) aproxima-se desse modelo transitório e precário. “A minha prioridade, antes da realização pessoal, era poder libertar os meus pais. Houve alturas, durante o meu curso, em que os meus pais tinham de deixar de pagar contas para me poderem pagar o curso. Quando o acabei, comecei a mandar currículos na minha área e não apareceu nada. Tive de procurar outras coisas”, conta, aos 22 anos.

Quando acabou o curso, precisou de arranjar um trabalho para poder pagar a renda. O primeiro que arranjou foi num site de conteúdos de humor: tinha de procurar vídeos na internet para alimentar a página. “Percorro a Internet toda e seleciono vídeos que possam ter interesse.” O dinheiro gerado vem da publicidade na página: quanto mais visitas o site tiver, mais dinheiro gera. Todos os dias, de segunda a domingo, Manuel tem de procurar e carregar dez vídeos. Por esse trabalho, o responsável pela gestão do site paga-lhe mensalmente 150 euros, mas já foi mais e até lhe chegava para pagar a renda.

“Considero-o um trabalho precário porque não tenho nada que o garanta, não tenho contrato. Até me podem ligar daqui a cinco minutos a dizer que já não precisam de mim que eu não me posso queixar a ninguém. Que a situação é precária não tenho dúvida.”

O problema é que os 150 euros deixaram de ser suficientes, teve de procurar algo mais e entrou num call center. “Se é bem pago para o que faço? Não. Mas é mais do que o salário mínimo. Eles pediam o 12.º ano e eu tenho licenciatura. Não digo que estou contente, mas nos próximos três meses sei que consigo assegurar as coisas. A partir daí já depende da empresa.”



DESEMPREGO JOVEM EM QUEDA

As estatísticas mensais do INE mostram que nos últimos meses a taxa de desemprego jovem tem vindo a descer (exceto em junho), mas em janeiro de 2015 ainda era de 35,5% (em julho era de 29,5%).

“A taxa de desemprego entre jovens é preocupante no sentido em que revela que o país, e as suas políticas educativas, não foram capazes de manter em formação quem de facto ainda deveria estar nessa etapa. Esse é o aspeto mais preocupante no que ao futuro diz respeito, porque sem melhoria nas habilitações não há realmente progresso”, aponta o economista Paulino Teixeira e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Em paralelo, um relatório do Tribunal de Contas mostra que o número de trabalhadores integrados no mercado de trabalho após um estágio profissional do IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional) desceu de 42,4% em 2013 para 33,3% em 2014. Se por um lado o tribunal sublinha “o mérito” dos estágios profissionais, por outro lado faz referência aos “índices de precariedade elevados” e à baixa taxa de integração dos jovens na vida ativa quando os estágios chegam ao fim.

Paulino Teixeira sublinha que o atual rácio entre o emprego jovem e a população jovem “é cerca de metade do valor registado no início da década de 2000”, defendendo ser um reflexo de como a economia “não foi capaz de gerar empregos em número suficiente para este escalão.”

O economista lembra, no entanto, que países como a Alemanha ou a Holanda têm rácios mais elevados devido aos trabalhos em part-time. “Aumentar a taxa de emprego para os muito jovens passará por aceitar o emprego em part-time em maior proporção do que tem sido norma.”

Já longe do tempo em que a sua vida profissional estava a arrancar, Isabel diz que sente o peso que a idade tem na procura de trabalho ou na mudança de área. “Pensava que nesta altura já teria uma vida profissional mais estruturada. Queria fazer mais e não consigo.”

Ainda que não esteja arrependida do regresso à sua terra, confessa já ter pensado em ir embora. “Só mesmo o emprego é que me faria sair daqui. Mas ainda estamos a tentar dar a volta. Se o meu marido conseguir ter mais trabalho, eu poderia mudar de área e trabalhar com ele.”

E lembrando os muitos fatores que condicionam a vida de quem perde o seu emprego, Pedro Araújo sublinha não haver “políticas perfeitas”. “Resolver a situação de desemprego não é fácil.”



Relacionados



Nós, portugueses: retratos de um país que vai a eleições



Um sabor a terra: o ouro branco da gastronomia

Era o meu momento